



HIBRIDIZAÇÃO E MIMICA COLONIAL: fundamentos da representação do bandeirante

Joana D arc Ribeiro Leite
Graduanda em história
PUC – GO
joana.r.leite@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho é abordar o caráter peculiar da atuação dos “Bandeirantes” no sertão brasileiro presente na obra de Capistrano de Abreu *capítulos de história colonial* publicada originalmente em (1907), dialogando com a área de saber intitulados estudos pós-coloniais, principalmente no que tange ao conceito de hibridização e mimica colonial presente na obra “O local da cultura” do teórico indiano Homí K. Bhabha. Tais conceitos serão explicados ao longo do texto.

PALAVRAS – CHAVE: Mimica colonial, representação do bandeirante, identidade.

A teoria pós-colonial tem sido uma das grandes novidades das últimas décadas, pois propõem fazer uma análise mais profunda das críticas literárias produzidas por autores que vivenciaram o processo do colonialismo. Os teóricos pós-coloniais objetivam promover discussões sobre os efeitos políticos, sociais, culturais, e principalmente sobre os efeitos indenitários sofridos pelos países no processo de colonização e descolonização. Nesta perspectiva os estudos pós-coloniais surgem academicamente com a publicação inaugural da obra *O orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*, de Edward Said em (1978) onde o autor faz uma análise da construção e fabricação ocidental sobre oriente.

Segundo Thomas Bonnici (2000), o termo pós-colonial pode ser entendido como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos XV e XX, e que apesar de serem diferentes essas literaturas foram produzidas sob a experiência da colonização, isso significa dizer que há necessidade de serem analisadas minuciosamente.

Deste a sua sistematização nos anos 70, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como “selvagens”, “primitivos” e “incultos” pelo imperialismo: com a recuperação das fontes alternativas da força cultural de povos colonizados: com o reconhecimento das distorções produzidas pelo o imperialismo e mantidas pelo sistema capitalista atual. (BONNICI 2000, P.11).

Neste sentido o pós-colonialismo chega para lançar luz sobre o sistema colonial a partir do olhar dos colonizados, mostrando a história dos colonizados permitindo que eles falem e



que de fato se auto represente. Assim podemos destacar a literatura produzida entre as comunidades antes submetidas ao colonialismo que procura também desvincular certos pressupostos de padrões eurocêntricos, discutindo às estratégias colonizadoras e o papel do colonizador na formação cultural dos povos que viveram o processo da colonização. Traz também discussões sobre qualquer expressão cultural das minorias. Assim sendo, o pós-colonialismo procura fazer uma análise crítica de inúmeros acontecimentos ocorridos no processo da colonização onde são reproduzidas na literatura e interpretada como uma resposta dos colonizados aos seus colonizadores com a intenção de recuperar suas identidades através da escrita que são usadas aqui para expor e questionar qualquer estratégia colonizadora. A identidade de antes da colonização não é possível de ser recuperada, mas o que se busca é a possibilidade de minimização da influência do colonizador. E a escrita literária contribui para promover a descolonização da mente, porém a ruptura completa é impossível.

O presente artigo pretende contribuir para que se conheçam alguns princípios básicos da teoria pós-colonial vislumbrados através da análise sobre a atuação do bandeirante no interior do Brasil. Sua finalidade é proporcionar ao crítico e aos acadêmicos conceitos fundamentais da teoria pós-colonial que se desenvolveram nas últimas décadas, e que se tornaram paradigmas importantes nas literaturas dos povos que experimentaram a violência do processo da colonização.

Portanto para uma melhor compreensão do pós-colonialismo utilizarei a obra “Capítulos da História colonial” do autor brasileiro João Capistrano Honório de Abreu, uma vez que a referida obra aborda a intrigante atuação dos bandeirantes no sertão brasileiro. Sendo então, “O bandeirante” nosso objeto de análise. Capistrano de Abreu foi um dos mais importantes historiadores brasileiros. Nascido em 1853 na cidade de Maranguapé- Ceará, vindo a falecer em 13 de Agosto de 1927 na cidade do Rio de Janeiro. Foi um homem sertanejo, trabalhou no campo junto com sua família e alguns escravos. Neste momento viu de perto a lógica do sistema escravista. Tal lógica o marcaria para o resto de sua vida e contribuiria para que ele desenvolvesse



uma interpretação original do Brasil a partir do Brasil. Foram as vivências, experiências e conhecimentos que fizera com que Capistrano se tornasse um grande historiador.

Para nos trazer um melhor entendimento sobre este processo de colonização e descolonização ocorrido no Brasil sendo protagonizado por homens que desbravaram e constituíram novos povoamentos no sertão brasileiro, o autor propõe uma explicação, singular até então, da história do Brasil, fundamentada na singularidade e na constituição do povo brasileiro. Analisam ainda os elementos existentes que compuseram o povo brasileiro quais sejam os índios, os portugueses, os escravos. Dessa forma percebe-se que, o que o autor faz é uma análise social que vai à contramão das interpretações do Brasil que atribuíam ao colonizador Português a “grandeza” na colonização do Brasil. Portanto nesta perspectiva, sua interpretação intitulada nos *Capítulos de História Colonial* é em si uma narrativa que tenho como base para análise deste trabalho. Pois, elege o Brasil como lócus de interpretação em detrimento da narrativa homogeneizante sob a influência da coroa portuguesa. Portanto, a importância da obra como fonte teórica para este trabalho é utiliza-la aqui no sentido de que, mesmo utilizando dos mecanismos oriundos das novas ciências, dentre elas a sociologia em especial, o olhar com o qual a análise do Brasil e de seu processo histórico é levado a cabo.

Capistrano não só considera a mestiçagem cultural e biológica como sendo a forma mais acertada da representação identitária do Brasil, mas também a valoriza como sendo a peculiaridade brasileira. Nesta perspectiva, aqui podemos aplicar o conceito de “hibridização” do autor Homí K. Bhabha no que tange a cultura brasileira que apesar da grande imposição cultural feita pelos colonizadores portugueses, não ficou imune as influencias das práticas indígenas e africanas resultando assim na hibridização cultural e também biológica. A hibridização é considerada por Bhabha como sendo algo positivo, pois, é a possibilidade de interação e valorização dos valores culturais e indenitários de antanho e ao mesmo tempo em diálogo com novas possibilidades.

O momento era propício para novas discussões, novas descobertas, novas interpretações, novas representações, fazendo de Capistrano de Abreu um amante das ciências e



um apaixonado pelo Brasil. Portanto foi com base nesta obra *Capítulos de História colonial* que percebemos a importância para análise sobre a história do Brasil, e como foi seu processo de construção. Segundo Reis (1999) Capistrano de Abreu foi considerado um Heródoto do povo brasileiro, por ter renovado através de seus esclarecimentos a história do Brasil.

No decorrer da obra *Capítulos de História Colonial* Capistrano de Abreu vai demonstrar como o pensamento eurocêntrico negativo pode ser visto sob uma nova perspectiva. Através de vários relatos, ele observa que o povo brasileiro construiu realmente uma história, e que ela é bem parecida com a dos seus colonizadores, e que os “Bandeirantes” tiveram um papel importante de imitarem e reproduzirem o que fizeram seus antepassados, por isso eles também fazem parte da história do Brasil. Estes já eram considerados por Capistrano como os primeiros brasileiros, fruto da mestiçagem entre os portugueses e índios, que repetiam a ação colonial no interior do país de forma violenta, assim como os portugueses outrora fizeram no litoral do Brasil, isto se configura em “mímica colonial”. Conceito presente na obra *O local da cultura* (1998), de Homi K Bhabha. Para o autor, a mímica emerge como uma das estratégias mais ardilosas e eficazes do poder e do saber colonial. Neste caso ela é utilizada aqui para reproduzir a imagem de si mesmo, ou seja, o colonizado vai utilizar dos mesmos mecanismos de seus colonizadores, que são reproduzidos em valores tanto culturais como sociais. Assim ele diz:

A mímica emerge como a representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é, assim, o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do outro ao visualizar o poder (BHABHA, 1998, p.130)

Homí K. Bhabha, teórico, crítico literário Pós-colonial, nasceu em Bombaim na Índia em 1949. Professor da Universidade de Harvard nos Estados Unidos de literatura inglesa e americana e diretor do Centro de Humanidades, o autor pode ser considerado um sujeito hibridizado do discurso Pós-colonial. Que faz uma análise sobre a construção e a desconstrução identitária dos povos colonizado sobre a visão dos estudos Pós-coloniais. Seu principal objetivo é entender os processos sociais e culturais, compreender como o colonizado é visto por seus colonizadores, e caracterizados como seres desprovidos de qualquer valor seja eles éticos ou morais.

Ainda sobre “Mímica”¹ o autor pontua que o “efeito da mímica sobre a autoridade colonial é profundo e perturbador”, devido à ambivalência que se trata de um caráter com dois aspectos diferente que pode ser discernível. Isso significa dizer que, há possibilidade de ameaças por parte de que está sendo disciplinado. Neste sentido o autor afirma o que todos têm em comum, é um processo discursivo pelo qual o deslizamento produzido pela ambivalência da mímica, não apenas rompe com o discurso, mais se transforma em uma certeza fixa, ao ponto que a mímica passa a ser semelhante à ameaça. Assim afirma Bhabha:

A ameaça da mímica é sua visão dupla que, ao revelar a ambivalência do discurso colonial, também desestabiliza sua autoridade. E é uma visão dupla que é o resultado do que descrevi como representação/reconhecimento parcial do objeto colonial. (BHABHA,1998 p. 133).

Ao referir-se a mímica como representação, entende-se como uma diferença, ou ate mesmo uma recusa, neste sentido ela é dupla, porque se apropria do Outro quando percebe seu poder de dominação. Ou seja, é uma repetição que se apropria da identidade superior para se produzir a alteridade.

Ainda dentro da análise de Capistrano podemos observar que ele propõe uma explicação, singular até então, da história do Brasil, fundamentada na constituição do povo Brasileiro. Analisando ainda os elementos existentes que compuseram essa nova geração. Para o autor brasileiro é, a mistura do índio com o português, que é “o mameluco”. Portanto o grande diferencial de Capistrano foi valorizar o indígena, e a miscigenação do Brasil.

Grande intelectual e analista de obras de Vanhagen e tendo sofrido influência do historicismo alemão e da Sociologia nascente, Capistrano faz uma dura crítica às obras de Vanhagen, trazendo uma nova visão do Brasil e de sua constituição, que passa a ser devedor do próprio povo que de forma tão rica e distinta o constituiu. Seu papel na historia do Brasil, o significado de sua obra, os caminhos que apontou, seus ideais e conceitos foram não somente aborda uma historia política, mas procurou apreender a vida humana e seus aspectos

¹Ambivalência: caráter daquilo que possui dois aspectos diferente, ou até mesmo oposto.

fundamentais. Após seus escritos sobre o Brasil e toda sua complexidade o país ganha uma nova representação positiva, valorizando o povo originário no ato da conquista. Devemos levar em consideração que ao escrever a obra *Os Capítulos da História Colonial* o autor, Capistrano de Abreu diferentemente de Varnhagem aborda a construção da identidade de um povo, á partir dele mesmo. Foi um homem simples, nasceu e vivenciou a lógica escravista como José Carlos Reis observa:

O trabalho era feito por escravos, por agregados e pela própria família. Seu avô e pai eram homens de tipo “amansa negro”: homens de mão pesada e alma dura. Capistrano nasceu, portanto, em uma “Casa Grande”, modesta, mas abastecida. A casa expressava o espírito místico-escravista dominante: era cheia de imagens de santos, rosários, relíquias, escapulários, terços e orações, e um dos seus cômodos era usado como sala de disciplina, a sala do tronco, com os instrumentos de suplicio para os escravos rebeldes e que, provavelmente, o rebelde Capistrano também conheceu... (REIS, 1999 pag.85).

Ainda sobre o autor, sua formação mesmo sendo uma figura descrita por Reis como, “seboso, mal vestido, sem higiene pessoal, uma figura torta, um olho pendido para o lado, uma cor encardida”. Sua personalidade era brilhante e envolvente (REIS, 1999 p. 87), sua formação intelectual considerando a origem modesta foi um milagre, sobretudo um autodidata. Alfabetizado no próprio sitio, estudou em um colégio da periferia cearense, o Ateneu Cearense. Não obteve êxito em ingressar na universidade em Recife, mesmo patrocinado pelo pai. Munido de uma carta de Jose de Alencar, se aventurou na cidade do Rio de Janeiro e conseguiu emprego em uma livraria e foi professor no colégio Aquino, onde tinha casa e comida. Passou em um concurso para Biblioteca Nacional. Em 1883 consegue ingressar em um concurso público para professor de Geografia e História do Brasil do colégio Pedro II, onde permaneceu por muito tempo.

Segundo Capistrano de Abreu a constituição do Brasil se deu por dois polos: São Vicente e Piratininga. Foram destas capitanias que surgem os primeiros brasileiros mamelucos. Para o autor os Bandeirantes foram homens que não só contribuíram para dar continuidade ao processo de colonização portuguesa, como também foram os responsáveis pela cristianização dos povos nativos que viviam principalmente no interior do território brasileiro, contribuindo assim



para o processo de colonização cultural. Segundo Bhabha (1998), quando se trata de missão civilizadora por parte de quem está com o poder, produz um discurso da ironia, da mímica e da repetição. Assim Capistrano de Abreu demonstra que as ações dos Bandeirantes não foram e nunca serão motivos de orgulho. Suas ações se destacam com muita violência e brutalidade contra sua própria gente, porque era bastante comum a captura de índios para vendê-los como escravos. Neste sentido afirma o autor:

“homens munidos de armas de fogo atacam selvagens que se defende com arco e flecha; à primeira investida morre muitos dos assaltos e logo desmaia-lhes a coragem; os restantes amarrados, são conduzidos ao povoado e distribuídos segundo as condições que se organizou a bandeira (CAPISTRANO, 2000 p. 129).

Ainda dentro da análise de Capistrano de Abreu, observamos as ações referentes aos Bandeirantes, e como esses homens tiveram autonomia suficiente, imbuídos de um espírito colonizador para construir uma história que contribuiu para o processo de construção de nação. Foram através de suas “aventuras” pelo Brasil adentro que se deu o início de uma construção que ia além do desbravamento em si, mas no sentido de organizarem e se estabelecerem como sociedade. Segundo Capistrano de Abreu (2000), “Os paulistas não se limitaram a passar de Bandeirantes a conquistadores”. O autor valoriza o mestiço e deixa claro em sua obra que, de forma tão rica estes homens constituíram uma história política e econômica no Brasil. No entanto Capistrano de Abreu afirma que os mesmos dizimou boa parte da sociedade indígena, assim ele demonstra que o ofício dos bandeirantes era caçar e escravizar sua própria gente. Assim afirma o autor:

Visto pelo inimigo o valor dos cercados e que os mortos seus eram muitos, determinou queimar a igreja, onde se acolhera agente. Por três vezes tocaram-lhe fogo que foi apagado, mas à quarta começou a palha arder e os refugiados viram-se obrigados a sair. Abriram um postigo e saindo por ele a modo de rebanho de ovelha que saiu do curral para o pasto, com espadas, machetes e alfanjes lhes derribavam cabeças, troncavam braços, desjarretavam pernas, atravessavam corpos. Provavam os aços de seus alfanjes em rachar os meninos em duas partes, abrir-lhes as cabeças e despedaçar – lhes os membros (CAPISTRANO, 2000 P.129).

Para uma compreensão mais elucidativa dessa leitura pós-colonial a que nos propomos tratar neste trabalho, contamos com respaldo do autor Darcy Ribeiro em suas narrativas e interpretações sobre hibridismo, mestiçagem e como ocorreu a formação identitária



desse “povo novo”. Presente em sua obra “O povo Brasileiro”. Darcy Ribeiro (1995) nasceu em 1922 em Montes Claros Minas Gerais. Em 1946, formou-se em ciências sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde se especializou em ²etnologia.

Segundo o autor, a reunião de negros, brancos e índios se torna positiva no sentido de abrir possibilidade para formação de povos profundamente diferenciado de si mesma e de todas as outras matrizes. Deste modo, a feição básica destes povos é mestiça, tanto em seus aspectos raciais quanto culturais. Assim podemos considerar os brasileiros como o exemplo mais perfeito desta nova formação híbrida fator fundamental para a identificação do país como um povo novo. Por outro lado, pretendo demonstrar na obra do autor a mestiçagem como elemento essencial para se entender a constituição de uma identidade e de um caráter específico da população brasileira.

O processo de "hibridização" na sociedade brasileira foi repensado de inúmeras maneiras uns como defensores outros como detratores. Dentre os defensores da "hibridização" como fonte de identidade brasileira temos Darcy Ribeiro que em sua obra "O povo Brasileiro" (1995), afirma que a mestiçagem promoveu uma cultura singularmente positiva, pelo fato de ter constituído uma nova geração compostas por três raças gerando assim uma nação multicultural.

Para Bhabhao hibridismo está localizado no interior dos discursos estabelecidos entre o colonizador e o colonizado. Não é mais um meio que facilita o entendimento entre os povos, muito menos uma maneira criativa de permitir o surgimento do novo. Ou seja, o hibridismo é um desvio de ambivalência do indivíduo subalternizado em direção de quem o aterroriza, não possui uma perspectiva de profundidade e nem é um termo que resolve os problemas entre duas culturas. Assim o autor afirma:

O hibridismo é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltre no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento. (BHABHA, 1998, p. 165).

² Criou, na Universidade do Brasil, o primeiro curso de pós-graduação em antropologia, onde lecionou até 1956. Foi um dos fundadores e primeiro reitor da Universidade de Brasília (1962-63). Durante o governo João Goulart, foi ministro da Educação e Cultura e chefe da Casa Civil. Após o golpe militar de 1964, se exilou em vários países da América Latina, voltando em 1976. Foi vice-governador do Rio de Janeiro (1982) e senador (1992). Eleito pela Academia Brasileira de Letras em 1992, faleceu em 1997, em Brasília, vitimado por um câncer.



Segundo Ribeiro (1995), esses novos homens brasileiros que desbravaram e fizeram história no sertão do Brasil, “os Bandeirantes” carregaram em si alguns costumes antepassados, pelo fato de darem menos valor a bens materiais. Até mesmo porque a intenção deles era formar novos povoamentos. Neste sentido a hibridização foi importante no processo de formação do Brasil, pelo fato destes povos terem abrido novos caminhos, tanto para exploração mineira, para contribuir com os mercados europeus, quanto para formação de novas matrizes com povos diferenciados de si mesmo, “os mestiços” frutos de Hibridização, tanto em seus aspectos raciais quanto culturais. Falar em mestiçagem não pode deixar de pontuar sobre a importância do cunhadismo uma prática indígena citada pelo autor, que seria costume na tribo dar uma moça índia como esposa para um estrangeiro, assim se estabelecia laços entre as duas raças e uma miscigenação favorecida pela tal prática.

A instituição que possibilitou a formação do povo brasileiro foi o cunhadismo, velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Consistia em lhes dar uma moça índia como esposa. Assim que ele a assumisse, estabelecia, automaticamente, mil laços que o aparentavam como todos os membros do grupo. Isso se alcançava graças ao sistema de parentesco classificatório dos índios, que relacionava, uns com os outros todos os membros de um povo. Assim é que, aceitando a moça, o estranho passava a ter nela sua própria geração dos pais, outros tantos pais ou, sogros. O mesmo ocorra em sua própria geração, nesse caso esses termos de consangüinidade ou de afinidade passavam a classificar todo o grupo como pessoas transáveis ou incestuosas (RIBEIRO, 1995 P.81).

Segundo o autor desenvolvimento de São Paulo se deu com a captura de índios para serem escravizados e foram daí que surgiram os brasilíndios ou mamelucos, que deu origem a sua geração futura os “Bandeirantes” povos fundamentais, para formação étnica do brasileiro. Filhos de pais brancos e mães índias. Portanto a função do cunhadismo foi de grande importância no processo de formação do Brasileiro composta por inúmeros indivíduos miscigenados. Assim afirma Ribeiro.

São Paulo surge, por isso, com uma configuração histórico-cultural de povo novo, plasmada pelo cruzamento de gente de matrizes raciais díspares e pela integração de seus patrimônios culturais sob a regência do dominador que, ao longo tempo, imporia a preponderância de suas características genéticas e de sua cultura (RIBEIRO, 2006, p. 335).



Para Darcy Ribeiro, o modo de vida rude e pobre desses homens era resultado das regressões sociais do processo deculturativo. Ou seja, apesar de serem pertencentes a duas culturas, aos poucos foram perdendo a vida comunitária, e a disciplina patriarcal dos europeus, como também perderam a cultura indígena, os modos de viverem em aldeia, a igualdade social, a solidariedade em família e a forma de como viviam, da sua própria subsistência. Agora já se tratava de homens de personalidade e identidade própria. A essa forma de vida desse novo homem que é parte de duas culturas, mas ao mesmo tempo não pertence inteiramente a nenhuma, Bhabha denomina como o que está no “entrelugar”, ou seja, aquele que entre duas realidades opostas.

Assim, este trabalho tem como característica principal discutir a construção de identidade do colonizado brasileiro. Para uma compreensão mais elucidativa e atual da visão de Capistrano acerca da construção indenitária dos “Bandeirantes” e como os mesmos podem ser considerados “menor que um e duplo”. No entanto, para uma análise mais abrangente utilizaremos principalmente o conceito “menor que um e duplo” presente na obra “O local da cultura” de Homi K. Bhabha (1998), discutindo a identidade do sujeito hibridizado.

Segundo Bhabha (1998), o conceito “menor que um e duplo”³ é atribuído o sujeito colonizado quando não tem certeza de sua identidade, está relacionado a uma fixidez deslizando porque, ao mesmo tempo em que o indivíduo colonizado não identifica mais com sua própria cultura, mais também não consegue ser igual à cultura do colonizador, devido já ser parte de duas culturas diferentes. O colonizador não permite que o colonizado seja como ele, mais faz com que ele acredite que possui cultura inferior, assim para se tornarem civilizados deve pertencer à cultura do colonizador, assim se torna um sujeito indeterminado. Neste sentido é utilizado aqui ao mameluco “Bandeirante”, que pode ser definido como sujeitos mestiços compostos de duas raças, ou seja, seres distintos culturalmente, mais que não se identifica com nenhuma. Assim “é menor” e ao mesmo tempo “é Duplo”.

³ Mímica está relacionada à Arte de imitar, de exprimir pensamentos por meio de gestos e de expressão.



Quase o mesmo, mas não brancos: a visibilidade da mimica é sempre produzida no lugar de interdição. É uma forma de discurso colonial que é proferida *interdicta*: um discurso na encruzilhada entre o que é conhecido e permitido e o que, embora conhecido, deve ser mantido oculto, um discurso proferido nas entrelinhas e, como tal, tanto quanto as regras quanto dentro delas. (BHABHA 1998. P. 135).

Com o processo da colonização, o colonizador não permitiu que o colonizado continuasse com suas práticas culturais, mas também não aceitou esse colonizado como igual, tornando-os inferiores. Sobre influência dos colonizadores, os colonizados são obrigados a assimilar a cultura do colonizador, no entanto ainda possui traços culturais de seus antepassados. Portanto o conceito “menor que um e duplo” é utilizado aqui para entender a identidade do Bandeirante, pelo fato de serem homens mestiços, com identidade indefinida e principalmente por não se sentirem pertencentes nem da identidade europeia nem a cultura indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500 – 1800*. Belo Horizonte: 7ª Ed. Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

ABREU, João Capistrano de. *O Descobrimento do Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: Brasília, INL, 1996.

BHABHA, Homí. K. *O local da cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O Pós-Colonialismo e a Literatura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000.

REÍS, José Carlos. *As identidades do Brasil*: de Varnhagen, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*: a integração das populações indígenas nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *Os Brasileiros: 1 Teoria do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAID, Edward W. *Orientalismo: “o Oriente como invenção do Ocidente”*. Trad: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. 10 ed. São Paulo: Ed. da universidade de São Paulo, 1981.